



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Um meeting na parvônia

Poemeto escrito num canto



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Um meeting na parvônia

Anônimo



Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1881.

Livro Digital Grátis nº 1037 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Autor Anônimo



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

UM MEETING NA PARVÔNIA

POEMETO ESCRITO NUM CANTO



I

Oh! Musa sacripanta dos vardascas,
Onzeneira, bulhenta, peralvilha,
Bacante de bordeis, deusa de tascas,
De Momo e da Discórdia a vesga filha,
Empresta-me o teu estro, põe-me em lascas,
Regateira infernal, vil farroupilha,
A mente, e, qual fuzil na pederneira,
Acende-ma com chama de fogueira.

II

Preciso de fatal inspiração,
Não bebida na fonte de Hipocrene,
Como o enfermo que em grave indigestão
Carece vomitar, ou tomar sene.
Acode-me com o estro de febrão,
Que delire em linguagem torpe, infrene.
Oh! Musa, qual Medeia ardendo em fúrias,
Incita-me às poéticas luxúrias.

III

Dá-me influxo mordaz, horripilante,
Como outrora abrasou um Aretino,
Esse fogo infernal, que teve o Dante,
Ou a graça sequer de Tolentino;
Mas tu, oh! Musa reles, e farsante,
Não me intrujes o plectro de mofino;
Se me negas o dar-me engenho e arte,

Nem mais um decilitro hei de pagar-te.

IV

E seja o canto meu feroz, medonho,
Que semelhe ao uivar do voraz lobo,
Ao crocitar dos corvos; enfadonho
Como o sorrir alvar de informe bobo,
Que a tratar o assunto, que proponho,
Requer-se petulância, e tal arroubo,
Que o leitor, deliquido num desmaio,
Me pareça assombrado pelo raio:

V

– Num domingo de março, pela estrada
Que de Arroios conduz à Panasqueira,
Vão magotes de povo de ranchada
A provar o bom vinho, e a petisqueira
Do louro peixe frito e da salada,
Que na "Perna de Pau" a taberneira
Lhes prepara; e com litros, comezainas,
De lá voltam com grandes carraspanas.

VI

Já borbulham as árvores, e as flores
Engrinaldam os prados de flora;
As aves gorjeando os seus amores
Alternam o chiar da triste nora.
Correm montes e vales caçadores
Com as matilhas de cães, mas em má hora,
Que as pintadas perdizes e coelhos
Levam ventos nas asas, nos artelhos.

VII

O dia estava brusco, e os pardais

Chilreiam festejando o solstício
Da vital primavera; nos currais
Muge a vaca saudosa ao benefício
Da paveia; espirram os catarrais.
O povo é convidado para um comício,
Onde ávido concorre para tratar
Duma ideia, que há muito "anda no ar".

VIII

Boa gente de artistas, operários,
Crestada pelas lavas do trabalho,
Vivendo das migalhas dos salários
Que do fisco escaparam; rebotalho
Condenado a subir ásperos calvários,
Que busca naipe ser no vil baralho,
Donde querem tirar valetes, reis,
E triunfar com o direito só das leis.

IX

Vão anchos, vão alegres na esperança
Dum futuro feliz, que os seus tribunos
Lhes prometem de há muito. Essa aliança
Da justiça e poder, fins oportunos
Que à força popular lhes afiança
O livrá-los das unhas dos gatunos,
Que roubando a nação se fazem nobres,
Vampiros a chupar o sangue aos pobres.

X

É grande a multidão ali trazida:
Alguns por curiosos se conduzem,
A outros a cobiça mais convida,
Que muitos com promessas se reduzem;
E quantos com a mente prevenida

De utopias, que o animo seduzem,
Com a grata ilusão de vir a ser
Povo e rei de si mesmo no poder.

XI

Suspenso vê-se à porta da taberna
Um ramo de loureiro; mais embaixo
Por símbolo pintaram-lhe uma perna
E um letreiro: — “Bom vinho do Cartucho,
Peixe frito, e as iscas à moderna”;
E de copo na mão vê se um borracho
Apontando para a quinta, onde em devesas
Lá sob os parreirais estão as mesas.

XII

A gente à porta embica num montão,
Inquieta formigando num bulício,
Como em dia de roda ao Campeão
Concorre por esperar o benefício
Duma sorte feliz, dum alegrão.
Assim acode ali, e no comício
Apanha, triste sorte, muita chuva,
Muita parra, coitada, e pouca uva.

XIII

Escolhem dentre a turda incontinente
Um quedam considerado dos mais doutos,
Que ocupando o lugar de presidente
Ao sentar-se salvou com três arrotos;
E com voz mal toada, intermitente,
Vai falando, e cuspiendo perdigotos;
Assim empertigado estende a mão:
“Eu abro, meus senhores, a sessão.”

XIV

E logo sobre um banco alevantado
Um homem vocifera, gesticula,
Os ministros ataca, e de zangado,
Em verrina, que mais descamba em chula,
Investiva o imposto, e o tratado
Que aprovara das cortes a matula.
— Embora, oh! pátria minha, lutes, arques;
Não consintas vender Lourenço Marques!

XV

“São justas nossas queixas, continua
O feroso orador: heis de sofrer
Um inepto governo, que pactua
Com a desonra, e que falta ao seu dever?
Que batalhas campais dá pela rua
Acutilando o povo a seu prazer?
Abaixo ministério tão funesto!
Assinai, cidadãos, este protesto.”

XVI

E logo se empoleira outro orador
Compondo o rosto alvar; e ancho de si
Exclama com prosápia: — “Salvador
Do rei, da pátria, afirmo agora aqui,
Que só o meu partido benfeitor
Vos trará felicidade... Potosi
É seu, e tem credito bastante
Para sair, desta crise, triunfante.”

XVII

“Sou regenerador, eu digo-o ufano;
O bem do povo é sempre o nosso alvo;
Aborreço o governo que é tirano.

Dos tributos, pranchadas sereis salvo;
Quem comigo votar não tema engano.”
Mas nisto berra alguém: — “Oh seu papalvo,
Já todos conhecemos vossas manhas:
O povo não engole tais patranhas.”

XVIII

“É falso! não consinto se pretenda
Menoscabar quem tanto se acrisola;
Mormente o bom ministro da fazenda,
Que, macio nos tributos, não esfola.”
— “Fora! fora! seu traste de encomenda!
Gritou o povaréu, este é granjola!”
E o súcio, por temer as consequências,
Escondeu-se nas mudas reticências.

XIX

— “Eu sou republicano cá de dentro!”
Disse um tal agarrando um pedregulho.
— Fora, fora! — clamaram lá do centro.
Crescera a vozeria e o barulho:
— “Ah! safá, seu canalha, que o desventro!
Já se cale, ou a boca lhe atafulho!
Lhe brada, faça em punho um vil fadista:
Acabemos com a raça realista.”

XX

Tal quando ronca o mar em tempestade,
Revolvido por grande furacão,
E em montanhas de espuma corre, invade
Ainda a mais alterosa embarcação;
Ou quando no aduar em feridade
De assalto abrindo as garras o leão
Percorre a empolgar seu inimigo,

Assim o orador se viu em perigo.

XXI

Mas nessa confusão o paroleiro
Se esgueirava, fugindo com prudência;
A mesa assalta um lépido barbeiro,
Que sobe desde logo à presidência.
Muitos gritam: — “Os reis custam dinheiro
Que sai dos nossos bolsos; é de urgência
Aclamarmos da plebe a soberania.”
E de vez foi crescendo a gritaria.

XXII

— “A palavra! a palavra, cidadão!”
Todos pedem, mas logo o presidente
Tocava a campainha, que o tacão
Lhe impede ser ouvido dessa gente.
— “Ordem, ordem!... silêncio! à votação
Vou propor, se o clube mo consente,
Artigos do contrato federal,
Que abula a realeza em Portugal.

XXIII

Que futuro medonho nos aterra!...
Funcionários, ministros, titulares
Absorvem e devoram nossa terra!
Tropeçamos aí com os militares
Sem termos nem sequer sombras de guerra,
E sustentamos, nós, os populares
Um déficit a crescer, e os publicanos
Tributos a lançar todos os anos!

XXIV

E caem os partidos, sempre os mesmos

Do governo os mandões, a mesma escola;
O estado a sofrer graves tenesmos,
Só nos resta o pedirmos inda esmola;
A fazenda consome-se em torresmos,
E vamos num recuo-caranguejola;
Somos ricos e grandes de comédia.
A triste bancarrota alguém impede-a?

XXV

O supremo poder nas mãos dum homem,
'Que pode ser um tolo, ou um tirano!
A história dos reis, que os tempos somem,
Consultai, e tereis o desengano.
Providencias enérgicas se tomem
Contra o nosso porvir, e o grave dano
Que os dispostas causaram a seus povos;
Meus princípios são justos, e são novos.

XXVI

É um rei liberal, como é a pela
Na mão dum jogador; do ministério
Espera para a rubrica a chancela
E faz o que lhe dizem, sem critério
Se a coisa é de momento ou bagatela;
Pois se quer governar, sem refrigério
Dos partidos depostos, sofre assomos,
Qual juiz de arraial com os seus mordomos;

XXVII

Sempre às cristas, e sempre engalfinhados,
Cobiçando os poleiros das nações,
De ministros, de pares, deputados,
De câmaras, de empregos; ambições
Porque morrem de amor e de cuidados,

Não lhe importam... (que grandes maganões!)
As venturas do povo... em palavrórios,
Sobem, descem com vivas, foguetórios.

XXVIII

Portugal anda há muito nestas crises;
Na terrível pressão de tantas mós,
Vai moendo farinha para os felizes
Que contentes lhe cantam: — "Venha a nós!"
Mas se um dia a revolta alçar a voz
Em delírios cruentos, nos países
Onde endêmica lavra a "devorite",
É para logo aplicar-lhe dinamite."

XXIX

"Cidadão, vou entrar nesta palestra
E mostrar-vos, que a natureza é sabia:
O cortiço é comuna, a abelha mestra
De governo perfeito a ideia acaba-a.
Econômica, vede, não sequestra
Com tributos, ardis, com manha e lábria
Do seu povo a uberosa dotação;
Aprendei o que há bom nesta lição."

XXX

— "Bravo, "sô" Zé Matias... é bem dito!
O rei é um chupista... e apoiado...
Diz ele que é divino... é um maldito,
Que as rendas dizimando vai do Estado."
Com palmas um cantava o pirulito,
E outro com a banza bate o fado.
— "Ordem, ordem! berrava o presidente;
Assinem o protesto, que é urgente."

XXXI

“Se em nascimento e morte são iguais
Os homens, o que importam distinções?
Porventura tem rei os animais,
Duques, condes, marqueses e barões?
Tem ministros, soldados, generais?
Um tesouro com praga de inscrições?
Há forma de governo, que reúna
Maiores bens, do que a provida comuna!

XXXII

Silencio... Não tem ricos, não tem nobres;
Permite a cada um o que é preciso.
Portugal, é mister, que tu recobres
Teus foros sociais, sem prejuízo
Dos que nascem... nem haja humildes, pobres;
Sejam nossos brasões: honra, juízo;
A terra fique livre, os bens comuns,
E para todos acabem os jejuns.

XXXIII

Bem nos basta aturar o rei do dia,
Que de inverno a soslaio nos visita,
E de verão nos abraça em calma.
Todo o rei é verdugo e parasita,
Que as entranhas do povo, qual harpia,
Molesta de extorsões, oprime, irrita;
Por este decilitro vos protesto
Que o governo do rei é o mais funesto.

XXXIV

Vede desgraça tanta... esses pedintes,
Com os filhinhos ao colo as tristes mães,
E nós dessas lamurias sendo ouvintes

Sem ter para lhes dar socorro e pães;
Da miséria chegaram aos requintes
Que os ossos vão roendo como cães
E os ministros reúnem na Ajuda
A pedir à nação que lhes acuda.

XXXV

Eu vos juro, valentes patriotas
Que buscais aluir a monarquia,
Que havemos de enforcar os agiotas
E aos ricos... oh! que grande montaria.”
— “Muito bem! bravo! viva!” Entre risotas
Festejavam do povo a soberania,
E todos entoando a "Marselhesa"
Bradaram: — “Bota abaixo a realeza.”

XXXVI

“A república só, heroica e pura
Sem esses comilões e sem tributos,
É governo, que aos povos dá ventura.
Vede gregos, romanos, Sólon, Brutos
Que varões de coragem, de lisura!”
— “Ó “sô” Zé, se falou agora em brutos,
Disse um deles, entendendo em cortesia
Que pedisse licença à companhia.”

XXXVII

— “Tenho ódio fatal, e tão profundo,
Aos reis todos, e à sua parentela,
Que juntando-me aqueles, que há no mundo,
Eu guisara uma farta cabidela,
Ou então do oceano bem no fundo
Armava-lhe um tresmalho, uma esparrela;
E se fossem tomar banhos no mar

Apanhava-os, e punha-os a escalar.”

XXXVIII

— “Em peitos lusitanos entrar pode
O desamor da pátria! e assim quereis
Como uma carga vil, que se sacode
D'esta terra expulsar os nossos reis?!
Se a proteção de Deus vos não acode
Como outrora em Ourique, inda vereis
Este país mimoso dos heróis
No mundo não valer dois caracóis.

XXXIX

Portugal, que entre todas as nações
Se distingue fiel à dinastia!
Que nobre de proezas, galardões,
No mundo inteiro houvera primazia!
Há de hoje oferecer os seus brasões
Aos sonhos desta vã democracia,
Que elege e aclama por soberano
Este, aquele, aquel'outro, um tal cicrano?!”

XL

— “Fora, fora! acabem dinastias,
Não queremos sustentar com sacrifícios
Quem vive dos tributos, das sangrias
Que sofremos por tantos malefícios;
Acabem agourentas monarquias!
Não queremos aturar mais suplícios:
A forma de governo mais humana
É sem duvida a que é republicana.”

XLI

— “Ah! senhor, por um instante me escutai:

Não posso concordar com tal aviso!
Um mau rei é verdugo, mas é pai
O que governa em paz, e com juízo:
O arbítrio de muitos sempre cai
Na desordem fatal, em prejuízo
Da nação que mais cedo, ou que mais tarde
Sofre a guerra civil, torpe e covarde.”

XLII

E logo de improviso uma matrona
De face bronzeada, enorme buço,
Gritou o — Viva a “plebia”, que destrona
Os “reises”, que padecem mau influxo;
É metê-los a todos numa fona,
Assim o declaro sem rebuço.
É deitarmos a terra esses colossos:
Eu sou republicana até aos ossos.

XLIII

Eu cá sem ser “prognóstica”, arrenego
Do tempo, que para os “reises” vai bicudo;
Mas eles têm olhar tão peticego,
Que só vêem as coisas por canudo.
Pois eu a governar punha no prego
As colônias, nação, vendia tudo...
E “vispiré”, Inácia! com a aragem
“Tingava-me”... adeusinho... boa viagem.

XLIV

A rainha, que grande presumida!
Recostada no caleche toda “aquela”,
E eu cá para ganhar a triste vida
Giro em trocas, baldrocas duma adela,
Eu se andasse como ela, bem comida,

Era súcia, e só queria dar à trela:
Onde houvesse uma tasca de bom vinho
Aos amigos pagava um “martelinho”.

XLV

A comuna... oh! que grande regaleza!
Tudo igual, e ninguém sofrendo fome!
Descongela-se a neve da pobreza,
O rico diz ao pobre: — Pegue, tome! —
Repartem entre si toda a riqueza,
O trabalho a ninguém rala e consome,
Cada um faz e diz o que quiser,
E troca de marido e de mulher!

XLVI

Com os “demos!” venha a hora benfazeja
Em que goze o mudar meu duro fado;
De andador posto à porta duma igreja
Eu visse o meu João ser deputado.
É bem triste o viver só da bandeja,
Pedir para o purgatório, e ser penado,
E clamar ao alvor dum triste dia:
Levanta-te, João... “vai para a bacia!”

XLVII

Já roucos de gritar com vozes graves,
A republica aclamam grandes vivas;
Nos bosques se escondiam meigas aves,
Dos prados, pela bulha, fugitivas,
E as fontes seus murmúrios tão suaves
Suspendem entretanto por esquivas;
Só ao longe, no auge do sussurro,
Coaxa a triste rã, orneja o burro.

XLVIII

— “Palavra “seu aquele”, eu também falo,
Olé se falo, eu cá sou cidadão...
Escusam de gritar, que me não calo...
Não me empurrem, já disse... qual pifão!
O rei no seu governo, é como um galo,
Como um galo... oh! que grande reinação...
Fora com a brincadeira... viva o rei!
Oh! “dominus vobiscum, agnus Dei”.

XLIX

Em tempos mais antigos, qual o ano
Me não lembra, nem disso agora trato...
Tivemos um pastor republicano.
Que pândego! o tal luso, o Viriato!
E D. Fuas Ropinho, que magano...
O rei dos valentões, Prior do Crato!
Que façanhas fizeram! que prodígio
Armados de cacete e boné frígio!”

L

— “Presidente, este tipo surdo mudo
Por sinais o seu voto ora pretende
Declarar; é teimoso, é cabeçudo.”
— “De mímicas aqui ninguém entende!
Subjuguem-no, e ferrem-lhe um cascudo
E ponham-no lá fora, que se emende.”
— Igualdade, onde estás! — protesta um gebo;
— Eu também, diz um gago, “a não” concebo.—

LI

E nisto no casaco a assadeira
Lhe fincara deveras as fateixas;
Acode a socorrê-lo a taberneira,

Duas “taponas” lhe ferra nas bochechas.
O peixe estremeceu na frigideira,
A cabeça escondendo nas ventrechas,
E o sacrista berrando pela guarda
Acode o regedor nesta bernarda.

LII

Apitam, correm cabos de policia;
O povo prorrompeu numa assuada.
O regedor procura com pericia
Acalmar o tumulto, mas baldada
Lhe fora a diligência, se a milícia
Lhe não desse a provar do “peixe-espada”;
Então o taberneiro por esperto
Começou a gritar: “a tropa é perto!”

LIII

Sentira-se uma bulha retumbante,
E uma grita de vozes, arremedo
De rufar de tambor, e mal toante
Um pífaro tocar... — É o Macedo! —
E ei-los a correr no mesmo instante
Como um bando de gamos, que de medo
Fugira ao caçador, e cada qual
Vai bradando: — aí vem a “mancipal”! —

LIV

Esgueiram-se em diferentes direções,
Deitando pelo chão mesas e bancos;
É batalha campal de provisões,
De azeitonas e peixe, queijos brancos;
Quebraram-se as canecas, canjirões,
Em quanto vão saltando pelos barrancos;
E assim se escaparam por milagre,

Como foi na campanha do “vinagre”!

LV

Fora o caso que à tarde o rapazio,
As lides de Mavorte simulando,
Em panelas ferira som bravio,
A berrar pela estrada pelejando.
A tal bulha sentiram calafrio
Os valentes, e foram-se safando;
E assim com este logro se destroça
O “meeting”, e sofrendo cruel troça.

LVI

Entrementes debanda a filarmônica,
Alugada pelo grande diretório,
Que devera tocar a marcha sônica
Ao romper do comício o grão vivório;
É que o mestre afinara a diatônica
Aos “hurrahs” e estalar do foguetório;
Mas temendo os bemóis entram em luta,
Apressou o andante com a batuta.

LVII

É noite; dorme tudo, e o mesmo gaz
Nos bicos dos candeeiros em Lisboa;
E a lua sorradeira, e contumaz,
Espevita o morrão sobre a patroa:
— “Inda bem; a cidade está em paz!
Disse ela, — foi ligeira a macacoa.
Adeus até amanhã, que torne a ver-vos;
Vou tomar chá de tilia para os meus nervos.”

LVIII

Eu também a dormir, em pesadelos,

Vira trasgos e demos às parelhas
A subir-me nos tufos dos cabelos,
Em enxames zumbindo, quais abelhas:
Acordei; era a musa dos tarelos
Delambida a puxar-me pelas orelhas,
A dizer-me: — “Anda, vem matar-me o “bicho”;
Ensinei-te a chillar como um cochicho!”



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com